

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

**BOLA ROLANDO: MULHERES RURAIS E O FUTEBOL COMO
EXPERIENCIAS DE LAZER¹
ROLLING BALL: RURAL WOMEN AND FOOTBALL AS LEISURE
EXPERIENCES**

Cauana Peyrot Conceição², Maria Simone Vione Schwengber³

¹ Trabalho de Conclusão do Curso de Educação Física da Unijui

² Graduanda do 10º semestre de Educação Física da UNIJUI.

³ Orientadora da Pesquisa, professora Dra do Curso de Educação Física da UNIJUI

INTRODUÇÃO

A escolha desse tema emerge das vivencias e inquietações, alavancadas durante minha graduação em Educação Física na UNIJUI. Esse tema também é uma opção pessoal e que despertou em mim profundo interesse por pesquisar as mulheres do meio rural de Jóia. Sinto-me parte dessa história de lutas, de conquistas e de representações e, assim busco a compreensão desse meio rural e do grupo formado por dezesseis mulheres que experienciam o futebol como prática de lazer. A pesquisa parte de uma análise mais ampla, fruto de um diagnóstico situacional das experiências e práticas de lazer de um grupo de mulheres rurais do município de Jóia/RS. A partir da realidade do meio rural, nos instigamos a pensar: o que motiva esse grupo de mulheres a praticar o futebol? De que maneiras o futebol é tido como experiência de lazer? O esporte (aqui o futebol), antes de tudo, possui uma história que envolve homens e mulheres, realizando ações, consolidando práticas, chegando ao que hoje vivenciamos (GOELLNER, 2004). Diante disso, nosso investimento de análise e de apropriação do meio rural e desse rico grupo de mulheres não se propõe como conclusivo e explicativo, mas se tornou uma forma de manter aberto o diálogo sobre essa problemática e contribuir com o debate. Esperamos que os resultados apresentados despertem para a necessidade de um conhecimento mais profundo das experiências de lazer, sobretudo o futebol, considerando suas diferentes configurações no tempo e espaço.

PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa está pautada na análise do discurso de um grupo de dezesseis mulheres que jogam futebol, moradoras do Assentamento Rondinha. Está pesquisa caracterizar-se por ser de cunho de análise do discurso, dentro de uma abordagem qualitativa. Assim observamos a linguagem oral expressiva a partir das entrevistas, tomando-as como relatos, depoimentos, falas, narrativas, enquanto lugar de uma produção discursiva. Visamos inicialmente a compreender o modo de funcionamento, os princípios de organização e as formas de produção social dos sentidos discursivos (FOUCAULT, 2010).

Assim utilizamos a tipologia de pesquisa de caráter qualitativo, na qual compomos uma entrevista em profundidade. As gravações foram transcritas e depois sistematizadas e examinadas pelo método de análise do discurso. Observamos a linguagem discursiva das entrevistas - depoimentos, falas - tomando-as como

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

lugar de uma produção discursiva. Inspiradas em Foucault (2010), consideramos a importância de localizar a distribuição dos diferentes sujeitos que falam nos diversos tipos de discurso e a apropriação destes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

BOLA ROLANDO: A EXPERIÊNCIA DE MULHERES RURAIS COM O FUTEBOL

Mergulhando no contexto do grupo de mulheres futebolísticas do Assentamento Rondinha, percebemos que essas vem caminhando para chegar a horizontes alargados no futebol feminino. Essas desde cedo tiveram contato com o esporte e os pré-conceitos perante a esses não as fizeram desistir. Diante do exposto analisamos como começou as primeiras experiências com o futebol e de que maneira esse tornou-se uma prazerosa fonte de lazer. Assim, o autor Larrosa-Bondía (2002) compreende que a experiência é uma das melhores formas de aprendizagem, de construção de identidades, porém a experiência tem sido banalizada. A experiência deve ser usada como uma forma de transformar e/ou melhorar os sujeitos, as experiências sejam elas negativas ou positivas podem e devem transformar os sujeitos. A relação construída a partir do lazer e o futebol estabelecem uma relação de emoção, de beleza e estética. Assim, a fim de compreender o futebol como possibilidade de manifestação e experiências de lazer, é necessário fazermos a discussão de algumas concepções de lazer que nos amparem para constituir amarrações entre lazer e futebol. Conforme nos aponta Dumazedier (2000, p. 34), o lazer é uma experiência onde o indivíduo tem a liberdade de entregar-se, “[...]divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária.”

Em geral, as participantes tiveram seus primeiros contatos com o futebol na infância, a maioria em casa e na rede de vizinhança, em interação com homens, principalmente da família (pai, irmãos, tios e primos), ou então com meninos da vizinhança, na rua. Ela se dá de forma informal, entre pares, em espaços como a rua ou no lar. “Elas partilham dessa experiência futebolística com meninos, sem a companhia de outras meninas, e sem a intervenção de algum profissional do ramo” (ALTMANN; REIS, 2013, p. 214). Foi o gosto pelo futebol/futsal e a busca pelo prazer que tal prática lhes proporcionava o que fez com que, primeiro nas brincadeiras da infância e depois como adultos continuassem a jogar. Como nos relata Rubia, de 25 anos “Meu primeiro contato com futebol foi em casa, num humilde lugar, chamado Rincão dos Machados, onde praticava com primos que eram quem moravam próximos.”. A experiência de ter jogado com meninos é vista pelas mulheres/jogadoras como algo extremamente positivo, que trouxe vantagens para a aprendizagem desta modalidade esportiva. Por serem considerados mais fortes, habilidosos e experientes com o futebol, jogar com meninos proporcionou a aquisição de habilidades futebolísticas diversas, ensinou-as a jogar mais rápido - habilidade importante no futsal -, bem como garantiu uma evolução mais rápida dentro do esporte. Destas mulheres algumas tiveram a iniciação ao esporte futebol na escola, nas aulas de Educação Física, entretanto aprenderam o básico como se localizar dentro de quadra, a fazer o gol e o conhecimento das regras básicas.

VAMOS PARA A QUADRA E JOGAMOS SIM!

A respeito da relação de mulheres e do esporte, ainda surgem muitas dúvidas recorrentes do contexto histórico: “São mulheres verdadeiramente?”. A presença das mulheres no esporte passou

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

e ainda passa, por períodos de muitos confrontos no que tange as relações de gênero, de sexualidade, os tangentes de feminilidades e de masculinidade. A identidade da mulher e a sua feminilidade é posta em contestação quando a apresenta características físicas masculinas, tais como músculos grandes, seios pequenos, pernas tornadas, ombros largos... Essas características consideradas andróginas, pois perpassam as características da feminilidade e a sua identidade como mulher é contestada. As mulheres aqui estudadas veem para afirmar e firmar sua posição não só em quadra, mas no mundo. Estas mulheres afirmam: "Futebol não é um esporte só de homem. Aqui é de homem e de mulher. Aqui as mulheres são habilidosas tem energia e muita garra. As mulheres sabem jogar futebol e com qualidade" (ROSANE, 41 anos).

Observando os jogos das mulheres, percebemos que o rendimento esportivo não é o mais importante, não se preocupam tanto com a performance. Jogam "direitinho", e ao mesmo tempo, se preocupam em manter o ambiente cordial, descontraído, divertido. De um lado as mulheres (jogadoras) querem aperfeiçoar sua desenvoltura, demonstrar suas habilidades no grupo, ao mesmo tempo em que vivenciam os jogos como encontros com muitas brincadeiras, gozações e jocosidades (sobre sua performance). Esses jogos são classificados por elas como pertencentes ao esporte-lazer, esporte-diversão, na qual lazer e esporte espetáculo coexistem em relação, "entendo que o lazer corresponde ao tempo de folga, de passatempo, de descanso, distração ou entretenimento. Assim este esporte propõe pessoalmente aquele momento de diversão, que faz com que você esqueça qualquer outra questão e viva intensamente (...) nos trás uma sensação de prazer." (Andrieli, 24 anos).

As mulheres também participam de campeonatos entre os assentamentos proporcionando a elas saírem para um lugar diferente de onde estão acostumadas a jogar. Abaixo temos um registro da equipe feminina devidamente "fardadas" (participação no Campeonato/Jogos da Reforma Agrária). Com os dados analisados até o momento, podemos chamar a atenção para: O gostar de jogar futebol, (que mesmo parecendo óbvio) é um dos elementos que faz as jogadoras e as pessoas que acompanham a equipe se encontrarem todos os finais de semana. Este é um dos vínculos sociais que sustenta (os encontros) e as relações de amizade. Os encontros, neste time, apresentavam características muitas vezes vistas como opostas, mas que nele se tornaram complementares: brincadeira e seriedade; lazer e trabalho, utilidade lúdica e utilidade pública, valor de uso e valor de troca. Esses grupos de mulheres rurais não abrem mão de tempo com a família que lhe acompanha nos jogos, mas o esporte ganha importância, bem como o tempo para si. Elas preferem dedicar menos tempo ao trabalho e investir, acima de tudo, no seu desenvolvimento pessoal, com encorajamento, essas saem de casa, na maioria das vezes com a família, filhos e marido "a tira colo", mas não deixa de experienciar seu momento de lazer e de prazer. O que se retrata nesse pequeno grupo de mulheres é que a maioria dela casada e/ou comprometida tem o apoio da família/marido. Essas ainda relatam dois movimentos diferentes. O primeiro podemos denominar como: o apoio familiar e o outro como: "vamos para quadra e jogamos ele querendo ou não". Assim dentro do primeiro movimento temos o relato de Mari,

Geralmente meu companheiro não acompanha as atividades esportivas, mas ele geralmente me apoia e cuida da nossa filha para praticar tal esporte, até mesmo em competições estaduais (Campeonato da Reforma

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

Agrária) ele cuidou de nossa pequena, durante o final de semana. (31 anos).

Conforme discurso acima, podemos analisar que a família ajuda e acompanha de forma mesmo que passiva nessa experiência. Os maridos cuidam dos filhos, do lar enquanto as mulheres estão nos jogos e/ou em alguma competição. O mérito de inverter os papéis é de cunho feminino, pois as mulheres conquistaram e assumiram seu papel social, que legitima a sua bela identidade. O outro movimento que podemos observar nos discursos femininos desse grupo é “vamos para quadra e jogamos ele querendo ou não”, esse movimento refere-se ao bloqueio e ao impasse entre as mulheres com suas famílias devido à experiência com o futebol. Por outro lado essa discriminação e preconceito não são concebidos por essas mulheres como impasse para não jogar futebol. Assim temos a fala de Adrieli [...] “não mudo de posição, pois nem sempre estamos de acordo em todos os assuntos com nossos pais e eu companheiro, ideias diferentes. Continuo jogando futebol, **vou para a quadra e jogo sim, ele querendo ou não**”. (16 anos, grifos meus).

Diante desse dois movimentos distintos e tão próximos nos deparamos com Simões, (2004, p. 28) o qual “postulou que as mulheres seriam heroínas de mil faces pela força que têm no caminho da mudança e da transformação da sua própria realidade e nos processos que as identificaram ao longo dos tempos”. Percebemos que muito se tem conquistado no âmbito do esporte feminino, pois, “As mulheres abrem mão da chamada passividade, ternura e obediência em troca de assertividade, agressividade e ambição, ou seja: de assumir um comportamento mais singular que incorpora quaisquer tipos de estereótipos sexuais” (SIMÕES, 2004, p. 28).

PLACAR FINAL... ALGUNS CONTORNOS FINAIS

Para compreender a realidade do meio Rural de Jóia, e desse pequeno grupo de **mulheres** apaixonadas por futebol que residem no Assentamento Rondinha e atribuir sentidos reais que levaram a prática do **futebol** como **experiência** de **lazer**, foi necessário ‘mergulhar’ no cenário onde tudo acontece: no rural, bem como compreender a trajetória de vida dessas mulheres. Concordo com Schwengber (2006), quando está relaciona a pluralidade de mulheres. Não existem apenas mulheres, existem “diversas mulheres”, cada uma com sua identidade, com sua singularidade. No contexto do rural estudado existem “diversas mulheres”, cada uma com suas histórias de vida, com suas origens, com suas memórias, suas experiências, seus lazeres. A trajetória de vida dessas mulheres, os discursos nos fez compreender como se tece a vida de cada uma delas, as quais tem em comum a feminilidade e o amor pela experiência do futebol. Os dados empíricos obtidos a partir da análise do discurso nos revela que o futebol é considerado por estas mulheres como lazer, e a experiência com a prática futebolística não permitiu que lhes fosse negado o “direito” de experimentar. As formas com que se introduziu o futebol na vida dessa mulheres aconteceram em movimentos distintos de acordo com a faixa etária de idade de cada uma. Em sua grande maioria, familiares, companheiros não se opõem a prática do futebol, porém, quando alguns impasses surgem essas posicionam-se de forma ativa e ‘vão para a quadra’ e ‘jogam sim’. A partir das análises constatou-se que as atletas tem a experiência futebolística com prática descontraída, livre das tensões do mundo lá fora, “quando eu jogo, é como se só existisse o

Evento: XXV Seminário de Iniciação Científica

gramado e a bola, me sinto realizada” (Rúbia, 25 anos). O jogo ocorre de forma descontraída, mas quando tem campeonato, os jogos ocorrem de forma “pegada”. No entanto o que motiva a continuação dessa prática vai além do que acontece em campo ou em quadra, isto está vinculado com a amizade, com o companheirismo, com a união que esse grupo estabeleceu e mantém fora de jogo.

Palavras-chave: Futebol Feminino; Experiências de Lazer; Gênero; Meio Rural.

Keywords: Women's Football; Leisure Experiences; Genre; Countryside.

Agradecimentos

A Professora Dra Maria Simone Vione Schwengber pela orientação nesse trabalho.

Referências

ALTMANN, Helena; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamentos e de conquistas. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 211-232, jul./set. 2013.

DUMAZEDIER, J. Lazer e Cultura Popular. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Ed. Loyola, 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre; FIGUEIRA, M. L. M. Corpo e gênero: a Revista Capricho e a produção de corpos femininos. In: Rev. Motrivivência, Florianópolis, v. XIII, n. 19, p. 13-33, 2004. Disponível em: . Acesso em: 5 abr. 2017.

LARROSA-BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação, n. 19, jan./abr, p. 20-28, 2002.

SIMÕES, Antonio Carlos. O universo das mulheres nas práticas sociais e esportivas. In: SIMÕES, Antonio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman (Orgs.). O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero e desempenho. São Paulo: Aleph, 2004.

SCHWENGBER, M. S. V. Donas de si? A educação de corpos grávidos no contexto da Pais & Filhos. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.